

O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO CUBANO E SUAS SINGULARIDADES

Mário Martins Viana Junior
Patrícia Pereira Xavier

RESUMO

Visto de forma panorâmica, o chamado Terceiro Mundo, em meados do século XX, encontrava-se em forte instabilidade política e social. Muitos foram os países que enfrentaram alguma experiência revolucionária. Cuba foi um deles. No dia 1º de janeiro de 1959, os revolucionários liderados por Fidel Castro assumiam o poder naquela ilha. Iniciava-se uma etapa decisiva e singular no desenvolvimento daquele país, inclusive para a própria vanguarda revolucionária que seria influenciada e influenciaria a cena mundial da Guerra Fria.

Palavras-chave: Revolução Cubana; Fidel Castro; Socialismo.

INTRODUÇÃO

Em ensaio abordando problemas relativos à escrita da História, Eric Hobsbawm aponta a imaginação como um dos elementos importantes do qual o historiador deva fazer uso¹. Principalmente àqueles que não possuem uma data de nascimento tão longínqua e experiências outras, conquistadas através de viagens, por exemplo. O contato com o outro é fundamental no intuito de romper barreiras conceituais e abrir a mente do estudioso para uma cognição mais apurada. Na ausência dessa experiência (e mesmo na presença dela) a imaginação é atributo fundamental.

Todavia, é necessário lembrar que não se trata de imaginação apenas. Não podemos nos lançar em aventuras da escrita sem uma base documental, sem um ‘chão histórico’. Uma pesquisa árdua é etapa imprescindível para qualquer exercício histórico. Nosso trabalho, portanto, é diferente daquele exercido pelos literatos, românticos principalmente, que fazem uso de aspectos da realidade para tornarem suas ficções mais

entusiastas. É necessário que se busque o fato, o acontecimento, o fenômeno. Somente a partir do concreto e do real é que podemos desenvolver nosso trabalho.

Isso não implica que, ao partirmos de um ponto central, devamos nos deter apenas nele. Faz-se necessário a expansão da pesquisa, estando atento e lançando olhar para as ligações e os elos entre os eventos. Assim, em nosso ofício, também deve fazer parte de nossa preocupação, como pauta de trabalho mesmo, a busca pelas relações entre os fenômenos de caráter micro e macro histórico. Isso seria o que o historiador italiano Carlo Ginzburg conceituou de “*fenômenos circunscritos*”².

Nesse sentido, da busca de ligações entre os eventos, do uso da imaginação e da aproximação de exercícios que evitem o anacronismo histórico, podemos afirmar quais os principais objetivos do nosso ensaio.

Primeiro nos deteremos sobre algumas considerações a respeito da evolução do movimento revolucionário cubano atentando para a cena mundial, mesmo antes de 1950, no intuito de direcionar e situar o leitor para problemáticas específicas que pretendemos trabalhar. Assim, desenvolveremos breve argumentação sobre o socialismo específico desenvolvido dentro da URSS levando em conta as possíveis relações estabelecidas com o projeto desenvolvido no seio cubano: seus avanços, aproximações, mas também os distanciamentos e diferenças.

Em seguida, procuraremos visualizar como se desenrolou o processo revolucionário cubano, explorando a maneira pela qual o principal líder da Revolução, Fidel Castro, se posicionou frente às idéias socialistas. Nessa perspectiva, analisaremos duas fontes: a defesa de Fidel Castro escrita em 1953 (*A História me Absolverá*) e um discurso de Fidel comemorando os 40 anos da proclamação do caráter socialista da Revolução, para evidenciarmos diferenças e semelhanças entre um período e outro e para entendermos, principalmente, o processo histórico no qual Cuba possa ser caracterizada como socialista na atualidade.

Dessa forma encontramos a principal justificativa para o nosso trabalho ao colocarmos em prática o exercício da pesquisa histórica: partimos de um olhar do presente, no qual Cuba é classificada como socialista, para nos lançarmos a um passado

não tão longínquo, mas com vários aspectos diversos e também semelhantes, onde o projeto revolucionário cubano era independente, para, por fim, lançarmos olhares coerentes sobre as expectativas e possibilidades que possam se apresentar em um futuro próximo. Não se trata de um trabalho na perspectiva de causalidade, mas de um exercício que atente para o *continuum* histórico que se revela quando da análise.

A REVOLUÇÃO ERA SOCIALISTA?

Durante várias décadas, a URSS adotou uma visão essencialmente pragmática de sua relação com os movimentos revolucionários, radicais e de libertação do Terceiro Mundo, pois nem pretendia nem esperava aumentar a região sob governo comunista além da extensão da ocupação soviética no Ocidente. Isso não mudou nem no período de Krushev (1956-64), quando várias revoluções autóctones em que os comunistas não tomaram parte, chegaram ao poder (...), notadamente em Cuba (1959) e em Argélia (1962).³

O fragmento acima nos permite entender o posicionamento tomado pela URSS desde a década de 1930 e seu relacionamento com a Cuba fidelista. De fato Cuba não era socialista quando da Revolução Cubana. Ela se torna socialista posteriormente. Entendamos:

O partido de vanguarda soviético guardava desde o início, no seio de sua origem, fragmentações que se mostraram bastantes relevantes em sua evolução. A primeira delas trata da posição entre os projetos minimalista e maximalista. O primeiro seria caracterizado por uma postura ‘marxista-positivista’ que entendia que se devia esperar pelo momento certo para a Revolução, além de assumirem uma postura social-democrática e ser formado em sua maioria por trabalhadores urbanos.

O projeto maximalista era aquele do ‘marxismo-leninismo’. Nele havia a crença de que o momento para a Revolução poderia ser criado em qualquer instante sendo necessário para isso uma união entre o mundo urbano e rural, além de apostar no fortalecimento do comunismo internacional orientado pela URSS. Foi esta a via vitoriosa dentro do PCUS (Partido Comunista da União Soviética).

Entretanto, havia uma cisão interna mesmo dentro dessa ala. Os partidários da prerrogativa stalinista acreditavam que o Estado soviético deveria se lançar em seu desenvolvimento interno apostando em certo isolacionismo. A sobrevivência da Revolução, portanto, dependeria dessa evolução interna, diferentemente do que pensavam os leninistas: era necessária uma Revolução mundial para a sobrevivência do Estado soviético e do socialismo de uma maneira geral.

Mas por que ir tão longe da ilha caribenha e enveredar por uma análise interna da URSS? A resposta é bem simples, mas essencial: para evitarmos anacronismos e porque Cuba estava e está inserida em um cenário muito mais amplo. A ala vencedora dentro do Comintern foi a de Stalin e com isso a sua inclinação por não tentar estabelecer regimes revolucionários além de suas fronteiras.

Essa postura de Yosif Stalin nos remete a um tipo de leitura do socialismo, por muito tempo em voga, mesmo no campo historiográfico. A saber, trata-se de uma interpretação de caráter reducionista, determinista econômica no qual se acreditava que, primeiro, deveria desenvolver a infra-estrutura para em seguida o ganhar destaque o campo cultural, isto é, a superestrutura. Segundo Thompson, esse tipo de pensamento “possui um pendor para aliar-se com o pensamento positivista e utilitarista, isto é, com posições centrais não do marxismo, mas de ideologia burguesa.”⁴

Acreditava, ele, que estava em andamento o processo de superação da economia capitalista pela economia socialista não estimulando, dessa forma, medidas unilaterais para tomadas de poder, sendo este um comportamento que se manteve na URSS, mesmo depois de sua morte. Com o Terceiro Mundo, salvo algumas exceções, a relação não seria diferente. E assim permaneceu Cuba distanciada do projeto soviético (que aqui apontamos como socialista).

A Revolução Cubana comandada por Fidel Castro teve como pilar central a guerra de guerrilha. Nessa empreitada foi de fundamental importância o apoio das massas camponesas. Também a conjuntura favorável possibilitou o advento do movimento revolucionário ao poder: a fragilidade do governo de Fulgêncio Batista. Assim, antes de se apostar nos feitos míticos que a literatura aponta para esse fenômeno (os atos heróicos dos rebeldes, principalmente os de Che Guevara) e em uma ligação

efetiva com a URSS, é necessário chamar atenção para a insustentabilidade do regime de Batista. Eivado de corrupção e isolado no poder, viabilizou a ascensão da Revolução, que em seus primeiros momentos não passou de ataques mal articulados e desastrosos (Santiago em 1953 e Niquero em 1956), mas que ao final obteve êxito por conta do apoio popular ⁵.

O movimento revolucionário possuía em seu programa aspectos semelhantes que o lançavam para o mundo soviético, como a reforma agrária e a postura antiimperialista. Contudo, mesmo aqui, a ligação era antes com o movimento revolucionário da esquerda de 1917 do que com os contemporâneos comunistas. O Partido Comunista cubano era, inclusive, contrário a Fidel em certos aspectos. E foi justamente esse não alinhamento com o comunismo outra característica que possibilitou a ascensão dos rebeldes, na medida em que os EUA, não os qualificando como tais, preferiram não interferir nessa tomada de poder.

Entretanto, o governo de Fidel (não o movimento revolucionário) se tornou socialista. As semelhanças de combate contra forças imperialistas e a Guerra Fria contribuíram para isso. Além do mais, o governo precisava de uma organização que o Partido Comunista parecia pronto a oferecer. Os movimentos eram convergentes e apontavam contra o imperialismo. Sentido essa aproximação, os EUA ainda tentaram em 1961 uma intervenção em Cuba juntamente com forças opositoras locais. O fracasso dessa empreitada resultou o reforço do poder de Fidel e uma ligação efetiva com a URSS: Cuba tornava-se comunista.

A diferenciação desses momentos históricos em Cuba é necessária visto o reducionismo e simplificação promovida por muitos estudiosos, inclusive historiadores. Para muitos autores, é inconcebível a existência de outros movimentos no pós II Guerra que não estejam alinhadas sob a bandeira do capitalismo ou do comunismo. Assim, diversas vezes, torna-se cômodo o simples associativismo sem buscar entender as peculiaridades internas de cada país. Essa postura acaba conduzindo para uma história tautológica eivada de anacronismos. Antes de ser um simples receptor de idéias oriundas do coração comunista, Cuba mostrava-se elaboradora de referenciais: suas guerrilhas encantavam todo o mundo, inclusive o capitalista.

FIDEL CASTRO NO PROCESSO HISTÓRICO

Constatado esse caráter peculiar da revolução cubana nos lançamos na investigação do processo pelo qual Cuba torna-se socialista. Para isso, fizemos uso de dois documentos. O primeiro deles trata-se da defesa de Fidel Castro escrita em 1953. O documento traz informações preciosas sobre os efeitos da ditadura de Fulgêncio Batista, evidenciando a fragilidade abordada anteriormente. Além disso, é um documento esclarecedor, pois contém o programa da revolução, e sua ampla divulgação fazia parte da estratégia revolucionária.

O segundo documento é um discurso proferido por Fidel em 2001, ano de comemoração dos 40 anos da proclamação do caráter socialista da revolução cubana. Como foi dito anteriormente, em 17 de Abril 1961 Cuba sobre um ataque aéreo levado a cabo pela oposição cubana, apoiada pelos Estados Unidos. É o momento em que Fidel finalmente pende para um lado da balança tomando partido no mundo bi polar: Cuba torna-se socialista.

Após uma leitura atenta da defesa de Fidel Castro, escrita em 1953, quando é preso após a tentativa de tomada do Quartel de Moncada (*A História me absolverá*), encontramos a palavra socialismo escrita apenas uma vez, no penúltimo capítulo:

Nesta filosofia (Fidel se refere a filosofia iluminista) nutriu-se nosso pensamento político e constitucional que evoluiu desde a primeira Constituição de Guáimaro até a de 1940. Esta última já se acha influenciada pelas correntes socialistas do mundo atual, que nela consagram o princípio da função social da propriedade e o direito inalienável do homem a uma existência digna, cuja plena vigência foi impedida pelas grandes fortunas surgidas.⁶

É interessante notar então, que a principal propaganda revolucionária, contendo as medidas que o grupo guerrilheiro de Fidel adotaria, caso assumisse o poder, não era influenciada pelo modelo socialista, importado da URSS. Apesar de alguns pontos do seu programa (como a reforma agrária) terem semelhança com o modelo soviético, seria somente em outro contexto histórico que Fidel apoiaria tais idéias.

Em 1898 Cuba era um dos últimos países da América Latina a conquistar sua independência. Foi um movimento longo, e como em outros países Latinos Americanos, foi encabeçado por uma elite liberal, com um exército comandado por José Martí, composto na sua grande maioria por ex-escravos. Foi nesse movimento de libertação do regime colonial que Fidel buscou as bases para os ideais revolucionários.

Nas palavras de Fidel, já no último capítulo:

Há uma razão, porém, que nos assiste, mais poderosa que todas as outras: somos cubanos. E ser cubano implica em um dever, não cumpri-lo é um crime de traição. Vivemos orgulhosos da História de nossa pátria; aprendemo-la na escola e crescemos ouvindo falar de liberdade, de justiça e de direitos. Ensinarão-nos a venerar desde cedo o exemplo glorioso de nossos heróis e de nossos mártires (grifo nosso) ⁷.

Daí é possível entendermos que, mesmo Fidel, reconhecendo a influência das “correntes socialistas” na Constituição de 1940 ⁸, será na História de Cuba, que irá se apoiar para defender o fim da ditadura e o início de uma revolução.

Percebemos durante a leitura do documento em pauta dois momentos importantes na fala do revolucionário. O primeiro é a identificação de um Fidel advogado, que usando o texto da constituição, trabalha no sentido de encontrar as brechas de um sistema antidemocrático, não condizente com a proposta liberal encontrada no texto constitucional. E um segundo momento, em que partindo principalmente da figura de José Martí (que ele nomeia de *Apóstolo*) Fidel constrói argumentos no sentido de conclamar o povo cubano a luta. É nos heróis da Independência de Cuba que identifica “o exemplo glorioso” e, finalmente, é nesses homens e fatos que vai buscar justificativas para ação de tomada do Quartel de Moncada.

Assim percebemos o quanto o discurso de Fidel, nesse momento, está voltado para um passado revolucionário cubano, onde é possível para ele afirmar, “Há uma razão, porém, que nos assiste, mais poderosa que todas as outras: somos cubanos. E ser cubano implica em um dever, não cumpri-lo é um crime de traição”. Portanto, um povo que lutou pela sua independência colonial, deveria lutar agora por uma revolução, contra a ditadura de Batista. O inimigo do passado havia sido a Espanha, o inimigo atual

era Fulgêncio Batista. O povo cubano já tinha dado provas da sua capacidade, era preciso então, apoiado nesse histórico, defender Cuba das “atrocidades” cometidas por Batista.

Partindo para o segundo documento, um discurso proferido por Fidel em 16/04/2001, comemorando os 40 anos da proclamação do caráter socialista da Revolução, verificamos uma mudança na sua argumentação.⁹

Em 1961, como já observamos, Cuba sofre um ataque da oposição local, apoiada pelos Estados Unidos. Quarenta anos depois temos um documento que nos demonstra como a revolução que no início era alicerçada nas próprias personagens históricas do país, se justifica atualmente apoiada em uma experiência política importada da Ex-União Soviética. No discurso de Fidel encontramos a palavra socialismo 44 vezes, por outro lado, apenas uma vez o nome de José Martí é citado.

Poucas referências são feitas ao movimento de independência colonial. Nesse momento o destaque é dado ao movimento revolucionário, iniciado em 53 com o ataque ao quartel de Moncada, e o destaque principal é para o momento da proclamação do caráter socialista, em 1961.

Em Girón nosso povo patriota e heróico, que tinha amadurecido extraordinariamente em apenas dois anos de luta contra o império poderoso, sem temor nem hesitação nenhuma, combateu pelo Socialismo.

Nesse trecho do discurso podemos evidenciar que, para o Comandante em Chefe de Cuba, a luta agora era contra os Estados Unidos. O “*império poderoso*” sentia as reformas implantadas por seu antigo “potentado”, e desejava recuperar o território perdido. Era o contexto bi polar batendo à porta de Cuba.

E ainda,

Atrás ficou esmagada para sempre a idéia peregrina de que os sofrimentos suportados, o sangue e as lágrimas derramadas durante quase cem anos de luta pela independência e a justiça contra o colonialismo espanhol e seu modelo escravista de exploração, e mais tarde contra a dominação imperialista e os governos corruptos e sangüinários impostos a

Cuba pelos Estados Unidos, eram para reconstruir uma sociedade neocolonialista, capitalista e burguesa. Foi necessária a procura de objetivos muito mais elevados no desenvolvimento político e social de Cuba.¹⁰

Ou seja, para trás ficou o projeto de libertação colonial e sua influência, mesmo que tenha sido conquistado com muita luta servindo de exemplo para os cidadãos cubanos. Esse passa a ser visto em 2001 como um movimento que objetivava a construção de uma sociedade “*burguesa e capitalista*”. Palavras que em nenhum momento encontramos na defesa de Fidel.

O que podemos verificar, então, é que a partir da influência do socialismo, se podemos dizer, a partir do que Fidel chama de “amadurecimento”, Cuba desenvolveu seu programa socialista, e para isso muitas mudanças foram realizadas: se fez necessária uma ‘*Revolução Cultural*’. O inimigo agora não era mais Fulgêncio, eram os Estados Unidos. O passado glorificado não é mais o da independência colonial, mas sim o da Revolução Socialista, apoiada pela memória do movimento desde a tomada de Moncada até a proclamação socialista da revolução.

Era necessário algo que atingisse a população como um todo, no sentido de fomentar a consciência socialista da revolução, já que tal movimento não tinha sido inicialmente influenciado por essa corrente.

Durante esses anos se prosseguiu um intenso esforço de formação de consciência, baseado essencialmente na valorização do trabalho produtivo, na eliminação do espírito de lucro e na participação de todo o povo na construção do novo país. A consciência da construção socialista tem de ser forçosamente um grau superior da consciência sustentadora do trunfo da revolução.¹¹

É a partir da proclamação do caráter socialista que o governo intensifica essa formação de consciência, principalmente através do ensino, sua principal arma ideológica.

Assim, utilizando os documentos acima referidos, podemos compreender como Cuba passa por um processo que, como já foi mencionado anteriormente, necessita de uma análise mais aprofundada para não cair em um reducionismo. A diferença no

discurso de Fidel em 1953 e mais tarde em 2001, quando da comemoração da proclamação socialista de 1961, nos leva a refletir sobre esse processo, entendendo como e porque isso aconteceu. Além disso, tentamos perceber de que forma seus referenciais libertários foram deslocados, bem como, as modificações trazidas pelos ideais socialistas dentro do processo revolucionário.

NOTAS

¹ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

² GINZBURG, Carlo. O Nome e o Como. Troca Desigual e Mercado Historiográfico. *A Micro-História e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1989.

³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 423.

⁴ P. 256.

⁵ LE RIVEREND, Julio. Cuba: del semicolonialismo al socialismo (1933-1975), in: *América Latina: Historia de medio siglo*. Ed. Siglo XXI, México, 1981, p. 77-81. Depois da segunda derrota, os combatentes revolucionários conseguiram instalar-se na Sierra Maestra e, dali, galgaram o apoio dos camponeses estabelecendo táticas de guerrilhas locais que alcançaram elevada ressonância na população campesina.

⁶ CASTRO, Fidel. *A historia me absolverá*. 5a ed. São Paulo: Alfa - Omega, 1986.

⁷ Id. *Ibidem*.

⁸ A constituição de 1940 foi uma constituição de caráter liberal promulgada logo que Fugencio Batista assume o poder. Durante sua defesa Fidel, como um bom advogado, conhecedor das leis de seu país, se refere a ela com o objetivo de mostrar como o governo ditatorial de Batista, contradizia a constituição promulgada por ele mesmo.

⁹ Discurso proferido pelo Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz, Presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros da República de Cuba, no comício de comemoração do 40º aniversário da proclamação do caráter socialista da Revolução, realizado na esquina de 12 e 23, no dia 16 de Abril de 2001.

¹⁰ Id. *Ibidem*.

¹¹ LE RIVEREND, Julio. Cuba: del semicolonialismo al socialismo (1933-1975), in: *América Latina: Historia de medio siglo*. Ed. Siglo XXI, México, 1981.

FONTES

- CASTRO, Fidel. *A História me absolverá*. São Paulo: Alfa - Omega, 1986.
- Discurso proferido pelo Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz, Presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros da República de Cuba, no comício de comemoração do 40º aniversário da proclamação do caráter socialista da Revolução, realizado na esquina de 12 e 23, no dia 16 de Abril de 2001.